DEPÓSITO LEGAL

JORNAL DA MOCIDADE

1962
22 de MAIO
ANO V
N.º 25

Prop. do CENTRO ESCOLAR N. 1.
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

ARAUTO

EDITOR Tomás da Rosa | REDACTORES José Aica - António Soares | ADMINISTRADORES Paiva Lima-Luís Gonçalves | REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Liceu Nacional da Horta

CAC MUNICIPAL DE LISBOA

Excursão Pedagógica à Terceira e a S. Jorge

Uma das actividades mais desenvolvidas pela Mocidade Portuguesa, através das secções culturais dos seus Centros, é a realização de visitas culturais e recreativas, tendo como objectivo o conhecimento mais pormenorizado das parcelas do território nacional e a aproximação mais intima das gentes que as habitam. No Continente, onde o mar não separa as diversas terras e os meios de transporte abundam, é frequente a realização de excursões pedagógicas dos alunos liceais e universitários. Nós, porém, limitados à nossa insularidade, temos o conhecimento dos vários aspectos paisagísticos, históricos e etnográficos, condicionado pela pequenez do nosso meio.

Assim, depois de *descobertos* todos os aspectos interessantes das ilhas do nosso Distrito, torna-se forçoso abalançarmo-nos a deslocações mais arrojadas,

POR
José Aica e António Soares
(Enviados Especiais)

para alargarmos o âmbito da nossa visão açoriana Seguindo esta linha de acção, os responsáveis pelas actividades do nosso Liceu e do Centro da M. P., que nele funciona, depois de facultarem a organização de visitas de estudo pelo Faial, Pico, Flores, Corvo, S. Jorge e Graciosa, resolveram orientar as atenções e os entusiasmos dos nossos Estudantes para outra ilha do Grupo Central, a Terceira, que, aliás, já fora visitada, e por várias vezes, em anos mais recuados. A Terceira é, de facto, uma ilha possuidora dum rico património cultural, excelente campo para as excursões com as características das que por cá costumamos realizar.

O aspecto cultural não foi posto de parte nesta iniciativa da M. P. A atestá-lo está a apresentação do nosso espectáculo em Angra. Eis uma cena de «O Último Acto».

A deslocação e a permanência noutra ilha, de um grupo de filiados bastante numeroso, como foi o nosso, acarreta um sem número de problemas, a que é indispensável dar solução, para se conseguir o fim em vista.

Não faltaram boas vontades e entusiasmos, prontos a agir na execução dos trabalhos preparatórios. Fizeram-se jogos, levou-se a efeito um espectáculo teatral, abriram-se subscrições, conseguiu-se uma compressão de despesas, sem prejuizo das actividades, para com isso se aumentarem as comparticipações do nosso Centro e do Centro da M. P. F., ao mesmo tempo que se delineavam planos e se iam avaliando as possibilidades de êxito do empreendimento a que nos haviamos abalançado.

À medida que perspectivas favoráveis se iam esboçando, aumentava o entusiasmo da nossa «Malta». Os intervalos e os momentos deixados livres pelos estudos passaram a ser utilizados na troca de impressões e na execução de tarefas relacionadas com a excursão.

As férias da Páscoa chegaram e com elas a certe-

(Continua na 2.ª pag.ª)

Beato João Baptista Machado

Por S. S. o Papa João XXIII foi proclamado Padroeiro principal da Diocese dos Açores o Beato João Baptista Machado, glorioso missionário terceirense da Companhia de Jesus, martirizado no Japão, no séc. XVII.

Presidente do Conselho

Como o nosso Jornal é mensal ou bimensal, na altura devida não pôde comemorar a entrada de Salazar para o Poder, nem o seu aniversário, respectivamente a 27 e 28 de Abril. Mas, lembrando as faustosas datas, prestamos agora homenagem a quem tem dirigido a obra notabilíssima do Estado Novo.

Agradecimento ao R. C. A.

Num dos programas «Rádio Gazeta», da competente direcção de Fernando Mendonça, leu o Rádio Clube de Angra aos seus microfones parte da «Saudação» escrita no último número do «Arauto». Agradecemos a deferência.

Excursão Pedagógica à Terceira e a S. Jorge

(Continuação da 1.ª pag.ª)

za da viabilidade da deslocação. Restava uma dúvida: estaria ou não o mar favorável na primeira semana do periodo de descanso? Desta vez, o mar, que quer constitui séria barreira ao convívio inter-ilhas, quer parece querer acariciar as *nove pérolas* com as suas brisas refrescantes e com a sua moldura cor do céu, optou pela segunda atitude. E se a viagem não foi melhor é porque melhor não se poderia esperar do tempo, no periodo inicial da Primavera.

Queremos salientar aqui uma outra circunstância e que é a de todos os filiados participantes na excursão usarem o uniforme da M. P., de acordo com o que está determinado superiormente no Estatuto, uma vez que iam em representação oficial do Liceu. E não poderia ser doutra maneira, numa excursão realizada sob a orientação e em grande parte financiada pela Mocidade Portuguesa.

O «Arauto», orgão do Centro, esteve representado nesta excursão pedagógica e é com o maior prazer que apresenta, neste número especial, a mais completa reportagem sobre esta actividade da M. P., que veio estreitar ainda mais os laços de amizade que unem a Terceira e o Faial.

DIA 10

A partida do «Terra Alta» estava anunciada para as 5 horas, mas o movimento começara muito antes. Depois de arrumadas as malas a bordo, e sempre com grande excitação, os filiados da M. P. entraram no barco e pouco depois o «Terra Alta» sulcava as ondas, rumo ao Pico. A's 7 horas chegava ao Cais do Pico para continuar a viagem às 8, após um curto passeio dos estudantes, em terra. O «Terra Alta» escalou sucessivamente os portos de S. Jorge—Velas, Urzelina, Calheta e Topo—aonde os filiados não desembarcaram, devido ao estado do tempo e à curta demora.

A's 16,30 horas desembarcávamos em Angra, a tão desejada cidade, que nos surpreendeu por quanto possuia de beleza e movimento. A excursão era esperada pelo sr. Reitor, Vice-Reitor, Adjunto do Centro da M. P., Dr. Machado Bettencourt, e alguns estudantes do Liceu de Angra. Também estava presente à nossa chegada, Monsenhor Pereira da Silva.

Depois de passearem para se refazerem duma tão longa viagem, os dirigentes e alguns filiados compareceram no serão dançante, gentilmente oferecido pelos estudantes de Angra aos seus colegas da Horta e Ponta Delgada.

DIA 11

Em representação de todos, alguns dirigentes, filiadas e filiados foram apresentar cumprimentos ao Rádio Clube de Angra, ao Senhor Governador Substituto e ao Senhor Bispo da Diocese.

No Palácio dos Governadores, antigo Colégio dos Jesuitas, houve oportunidade de entrar em contacto com a história de Portugal, pois já D. Pedro IV ali estivera por ocasião da reconquista liberal. Mereceu-nos especial atenção a Sala das Carrancas (antiga Sala do Trono) com as figuras dos reis de Portugal e a sala com o retrato de D. Antão de Almada. Foi ainda no Palácio dos Governadores que residiram, quando da sua passagem por Angra, os Presidentes da República Portuguesa, Marechal Carmona e General Craveiro Lopes.

Depois de apresentados os cumprimentos dos excursionistas às entidades terceirenses, os professores e estudantes do Liceu da Horta ouviram, às 13,30 h., breves palavras de recepção proferidas pelo sr. Reitor do Liceu de Angra, Dr. Pato François, e de agradecimento pelo sr. Dr. Tomaz da Rosa. Essas palavras fizeram-nos pensar nos laços de amizade existentes entre os estudantes de Angra e da Horta.

Cerca das 14 horas tomávamos, em conjunto com os finalistas do Liceu de Ponta Delgada, as camionetas que nos conduziriam à base americana das Lajes, num passeio oferecido pelo Liceu de Angra. Na Base observámos, surpreendidos, o intenso movimento e fizemos uma visita às esplêndidas instalações do Liceu americano.

* * *

Ainda neste dia, um pequeno grupo de filiados, acompanhados pelo Adjunto do Centro, visitaram a Igreja de S. Sebastião, que apreciaram demoradamente. Esta é a única Igreja gótica nos Açores.

DIA 12

A manhã deste dia foi destinada a visitas de estudo, um dos objectivos principais da nossa excursão. Acompanhou-nos o Rev.mo Padre António Manuel Rocha.

Começámos pela Sé Catedral, onde apreciámos o magnifico Tesouro, constituido por paramentos, pratas e ouros, retratos de Bispos, livros antigos e uma estante (igual à da Matriz da Horta). Entre os prelados, estivemos admirando o faialense D. Alexandre da Sagrada Familia, tio de Almeida Garrett.

Foram também visitadas as Igrejas de S. Gonçalo e do Colégio, com a sua riquissima talha. Junto à de S. Gonçalo, funciona o Convento do mesmo nome, actualmente Colégio Infantil, onde são zeladoras as Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus.

Antes de irmos a estas duas últimas Igrejas, apreciámos também a artistica sala da Junta-Geral.

* * *

A última visita a ser realizada foi ao antigo solar dos Bettencourts, onde estão instalados o Museu Regional, a Biblioteca e o Arquivo de Angra. Para que os leitores do «Arauto» possam fazer uma ideia do que é o belo Museu de Angra do Heroismo, vamos dizer alguma coisa àcerca da nossa visita. As doutas explicações foram-nos prestadas pelo sr. João Afonso, director do Museu.

Na 1.ª sala visitada, fixámo-nos, sobretudo, numa imagem de S. Pedro, a primeira que veio para a Terceira e numa de Santo Inácio de Loiola. Na 2.ª dependência, encontramos a reconstituição do trono do Espirito Santo e objectos regionais, entre os quais colchas, que hoje não se fazem.

Continuando o nosso estudo, observamos uma peça rara, com escultura e pintura associadas, uma escultura do micaelense Canto da Maia (uma estátua de Corte-Real), um quadro de influência flamenga e uma arca. A seguir, na secção de numismática, aparece-nos uma boa colecção de moedas e um mapa medievo de Portugal (com o Oeste para cima). O nosso entusiasmo vai aumentando à maneira que passamos de sala para sala e vamos observando obras de raro valor artistico. Admiramos um retrato do bispo de Goa, D. Cristovão da Silveira (terceirense), vários móveis e um quadro do Arcanjo S. Miguel, no estilo de Josefa de Óbidos.

Numa dependência do museu, observámos vários quadros de autores estrangeiros e cerâmica regional. A 8.ª sala visitada despertou-nos grande interesse e nela vimos objectos de valor. Encontrámos peças de cerâmica da Companhia das Indias, onde se salienta um prato com um brazão desenhado pelo pai do Conde de Subserras, general de Napoleão. Interessou-nos muito também uma colecção de pinturas de Carlos Reis, Machado de Castro, Sousa

(Continua na 4.ª pág.ª)

Como se trabalha no «ARAUTO»

Após a recolha dos artigos apresentados pelos filiados, os redactores redigem reportagens e noticiário académico ou desportivo...

Depois, numa reunião com o editor, que visa todos os trabalhos, discute-se o plano já organizado dos materiais a entrar na tipografia.

Terminada a árdua tarefa da correcção das provas, fica-se à espera do jornal impresso...

E finalmente, os administradores, depois da dobragem e distribuição, e recebidas as importâncias das assinaturas, venda e anúncios, elaboram as contas de receita e despesa, com mais ou menos optimismo.

Resumo das Actividades do Centro Escolar N.º 1

Organização da Instrução da M. P. para o 1.º Ciclo
Participação nas comemorações do 1.º de Dezembro
Curso de Chefes de Quina
Acampamento da Páscoa
Subscrição para auxiliar os refugiados de Goa

Secção Cultural

Subsidio para um «Livro de Curso»
Três sessões educativas, uma das quais nos fins de Abril, com a projecção de diapositivos da excursão pedagógica
Torneio de Xadrez
Visita de estudo ao Observatório Meteorológico
Espectáculo cultural, apresentado três vezes na Horta e uma em Angra
Excursão pedagógica à Terceira e a S. Jorge
Sessões de Canto-Coral
Publicação do «Arauto»
Publicação do «Index»
Reorganização da biblioteca do Centro

Secção Desportiva

Campeonatos internos de Atletismo, Andebol, Futebol de Salão e Tiro ao Alvo
Jogos de Futebol inter-ciclos
Preparação de equipas para os desafios com os filiados da M. P. de Angra.
Jogos com equipas de «Externos», da Marinha Portuguesa e do C.R.P. da Conceição

Secção de Camaradagem

Subsidios para a compra de uniformes da M. P. e para o pagamento de propinas
Aquisição e empréstimo de livros a alunos

Secção de Secretaria

Execução dos trabalhos burocráticos do Centro

Secção de Tesouraria

Administração do «Arauto»
Gerência de contas do Centro

Secção de Amigos do Centro

Cobrança de cotas

Secção de Saúde

Assistência clinica no Acampamento da Páscoa

Assistência Moral e Religiosa

Missa no 1.º de Dezembro
Participação na Comunhão Pascal
Participação em procissões litúrgicas.

Excursão Pedagógica à Terceira e a S. Jorge

(Continuação da 2.ª pag.ª)

Pinto, Victor Câmara, Maduro Dias, Domingos Rebelo, Abel Manta, António da Costa, etc.

Passamos à secção das armas, fardamentos, retratos de figuras militares portuguesas e nela notamos, com curiosidade, vários objectos, como o espadim do Conde da Praia.

A nossa longa visita pelo museu aproxima-se do seu fim. Nos pátios (interior e exterior) despertam-nos a atenção os coches antigos, as balas e canhões, especialmente os tirados do mar, há dois anos, no Fanal, e que foram assunto para reportagens em diversos jornais nacionais e estrangeiros.

Vimos uma cópia do Globo de Nuremberga de Martinho da Boémia, com a bandeira do autor colocada no Faial, onde residia.

Numa das muitas dependências do museu, encontrámos o bergantim em que desembarcaram Suas Majestades o Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia, e o barco de papel, que a cantiga terceirense ajudou a celebrizar:

«Já fomos a S. Miguel
Num barquinho de papel»

Não queremos deixar de salientar que lá admirámos mos um quadro de Vieira da Silva, a excepcional pintora portuguesa, naturalizada francesa, por casamento.

Omitimos muitos pormenores, deveras curiosos, da visita ao Museu Regional de Angra. Disso pedimos desculpa aos nossos leitores, mas a falta de espaço não nos permite alongar mais, como era nossa intenção.

* * *

Além das visitas de estudo já descritas e efectuadas por todos os excursionistas, há a anotar que um pequeno grupo foi ao Monte Brasil e às Igrejas da Misericórdia e S. Francisco. Nesta última existem os túmulos de Paulo da Gama e Corte-Real.

* * *

Na tarde deste dia 12 de Abril disputaram-se jogos entre as equipas dos Liceus de Angra e da Horta, cuja crónica aparece na secção desportiva deste Jornal.

DIA 13

O sinal da alvorada foi dado logo nas primeiras horas da manhã pelos madrugadores, que acordaram mais bem dispostos que o tempo. Depois de todos se prepararem, dirigimo-nos para o «Beira-Mar», onde o pequeno almoço já nos esperava.

A's 9 horas, aproximadamente, tomámos lugar em duas magníficas camionetas da «Empresa de Viação Terceirense». Os *nossos* veículos subiram a «Rua do Galo» e dirigiram-se para a Estrada da Achada. Íamos no sítio conhecido por Guarita, quando o primeiro precalço surgiu: faltavam alguns componentes do grupo dos bailados, que tinham ido à Escola Industrial buscar os instrumentos para fazerem um bocado de barulho durante a viagem.

Finalmente pusemo-nos a caminho; passámos por S. Rafael, pela Vinha Brava, onde se encontram instalados os serviços da Intendência de Pecuária, prosseguindo as camionetas na sua marcha pela Estrada da Achada. Percorremos alguns quilómetros por entre terrenos de pastagens e admirámos alguns aspectos da paisagem do centro da Ilha, embora o nevoeiro, que já aqui começou a nos prejudicar, limitasse o campo visual.

Prosseguindo a marcha, viramos à esquerda, pelo ramal do Cabrito. A certa altura fez-se a primeira paragem; descemos a fim de observar aspectos da Furna da Água, que tem este nome devido a no seu interior se encontrarem algumas nascentes. Já aqui o nevoeiro se havia tornado mais denso e caía um leve chuvisco. A camioneta segue agora por uma bela estrada asfaltada, mas o condutor tem de refrear o andamento porque o pavimento molhado ameaça fazer derrapar o veículo a qualquer travagem mais violenta. Nova paragem, mas aqui só os mais *valentes* se apeiam porque a chuva cai agora com certa intensidade. Enfiamos por um carreiro sinuoso e, umas escassas dezenas de metros percorridos, surge-nos a entrada da Furna do Cabrito. Descemos por uma áspera escada de pedra e dirigimo-nos para o túnel que surge à nossa frente. Lembramo-nos do que havia sucedido ao visitarmos a galeria norte da Furna de Frei Matias, no Pico: então, como agora, ninguém tinha levado lanterna. Estamos quase a retroceder quando alguns colegas de Angra, que acompanhavam o nosso grupo, nos guiam os passos até à saída do túnel. Os nossos olhos ficam afuscados com a claridade que chega até nós por uma grande abertura no terreno; o aspecto do sítio onde nos encontramos sugere-nos o de um poço de grandes proporções. No fundo uma nascente forma um riacho, cujas águas, mais adiante, prosseguem o seu caminho pelo interior da terra. Regressamos pelo mesmo atalho e de novo tomamos as camionetas.

Devido ao estado do tempo, foram alterados os projectos de visitarmos vários locais do interior da Terceira, de interesse paisagístico e científico, como as Furnas do Enxofre. Seguimos directamente pela estrada que conduz à freguesia das Doze Ribeiras. Passámos pelo interior da Caldeira de Guilherme Moniz, que não observámos convenientemente, porque o nevoeiro não no-lo permitiu.

Em pouco tempo chegámos à progressiva freguesia, onde nos pareceu não existir a dúzia de cursos de água, que lhe dão a designação. Eram cerca das 12 horas. Surge então uma pequena hesitação, por causa da instabilidade do tempo: valerá a pena seguirmos para a Serreta ou será melhor regressarmos já a Angra? Decide-se optar pela primeira das hipóteses e, decorridos 15 minutos, aproximadamente, chegamos à Mata da Serreta. Tomamos uma rápida merenda, baila-se uma *chamarrita*, espairece-se um pouco e lá estamos de novo a caminho, desta vez para o majestoso miradouro da Serreta. Observamos a escarpa sobranceira ao mar e temos aqui uma visão mais larga do aspecto desta zona única na Terceira, com arvoredos frondosos, como em nenhuma outra parte da Ilha existem. Ao fundo, avistamos um pequeno grupo de casas: trata-se da freguesia dos Altares, onde se distingue o Pico da Cruz, sobre o mar. Ao longe, e à nossa frente, divisamos S. Jorge e a Graciosa.

A viagem de regresso a Angra fez-se sem interrupções, pela Estrada Litoral. As povoações vão surgindo, alternando com terrenos cultivados; admiramos aspectos peculiares da paisagem e especialmente do tipo de casa, com as suas chaminés e outras características, um pouco diferente do das nossas ilhas do Faial e Pico.

Este passeio e o que depois demos em S. Jorge faziam parte do nosso programa, prèviamente estabelecido.

A' tarde, o grupo de bailados regionais foi ao R.C. de Angra fazer uma gravação para ser transmitida pela «Voz da Terceira». Os restantes dirigiram-se ao Campo de Jogos da Cidade, onde disputaram o encontro de Futebol com a M. P. de Angra.

À noite, às 20,30 horas, fomos presenteados pelo Liceu de Angra, com um jan-

(Conclui na 6.ª pág.ª)

a arte e a moral

Antes de discutirmos as relações entre a Arte e a Moral, tentemos penetrar no sentido de cada um destes termos.

Emprega-se o termo Arte em sentido subjectivo e objectivo. No primeiro significa a aptidão ou «conjunto de meios empregados para realizar algum ideal e comunicar-lhe o sentimento da beleza»; no segundo, «todo o objecto ou acto, realizado por uma ou mais pessoas com o intuito de dar prazer a outras pela emoção estética, ou sentimento da beleza».

Voltemo-nos para este último, mais vulgarmente usado.

Por mais definições que elaboremos todas serão formas, mais ou menos elegantes, de florear a clássica e precisa «expressão do Belo».

Se estudarmos atentamente o verdadeiro sentido do Belo, resolveremos o problema das relações entre a Arte e a Moral — «Ciência das regras que se devem seguir para proceder bem e evitar o mal».

Belo é aquilo que tem harmonia e perfeição, que eleva a alma e lhe causa agrado. Ou, segundo Platão, «o esplendor da verdade».

A ideia de Belo está, pois, ainda que longìnquamente, ligada à de Bem: esta relação torna-se evidente, se subirmos à concretização ideal de Belo, de Bem e de Verdade, que se completam e quase coincidem — Deus.

Se Deus não fosse o Ideal de Bem, não diríamos que Ele era o Belo ideal, pois o Belo é a Perfeição; e assim poderíamos imaginar um ser mais perfeito. Se podemos criar um ideal supremo de Bem sem beleza, não concebemos um ideal de Belo sem bondade.

O Belo, objecto da sensibilidade criadora do artista, é a palavra que melhor define Deus, mas só pode existir onde houver o Bem, pois este é de extensão universal e, portanto, aparece em toda a manifestação ou actividade humana.

Actualmente as artes plásticas encontram-se em desorientação, mas podemos dizer que tenta impôr-se a força do instinto, o homem animal. Em quase todas as escolas reina o inconveniente.

A escola sobrerrealista definiu-se como «Automatismo psíquico puro, mediante o qual o homem se propõe realizar, quer verbalmente, quer por escrito ou por qualquer outro meio, o funcionamento real do pensamento, isto é: o ditado do pensamento com ausência de toda a revisão pela razão ou de toda a

(Conclui na 7.ª pág.ª)

notas sobre Camilo Castelo Branco

Analisando, ainda que pàlidamente, a acidentada vida de Camilo, melhor se poderá interpretar a sua personalidade literária.

Na verdade, o seu temperamento exaltado e quase doentio influenciou notòriamente a extensa obra deste escritor.

Camilo nasceu em Lisboa e aqui permaneceu até aos 9 anos, época em que perdeu os pais, indo então viver com uma tia para Vila Real. Neste distrito passou a adolescência, recebendo de dois padres uma educação cultural, já então antiquada.

Em 1848 fixa residência no Porto, onde decorrem grande parte das aventuras e escândalos amorosos, o mais famoso dos quais, com Ana Plácido, o leva à prisão. E' interessante saber-se que Camilo seguiu, por algum tempo, um curso de Medicina e que, devido ao seu génio impulsivo e inconstante, se fez seminarista, chegando a requerer ordens menores.

Entretanto, é com a colaboração em folhetins de diversos jornais, que se lhe abre a carreira das letras.

Com o caso sentimental Ana Plácido adquiriu celebridade, conquistada definitivamente com o romance «Amor de Perdição».

Viveu os últimos anos da sua existência numa casa de campo em S. Miguel de Saide.

Doente, sofrendo bastante da vista, minado de desgostos e contrariedades, sentindo-se ultrapassado pelos realistas, Camilo desanima. Além disso, obrigado a improvisar ao gosto dos editores, pois é a pena o seu único ganha-pão, sente a impossibilidade, de produzir uma obra sua cuidada, perfeita. Por todos estes motivos, resolveu pôr fim à vida, facto que no dizer de muitos, é fruto duma mania romântica daquele final do século.

A bibliografia de Camilo é uma das mais extensas e variadas. Escreveu panfletos e folhetos vários; artigos e folhetins de ficção, livros de poesia lírica, de polémica, de crítica, de história; fez inúmeras traduções e tentou o género dramático, sobretudo na novela.

Podemos dividir em três fases a obra deste escritor, cada uma delas com características especiais:

a) A 1.ª vai da publicação do poemeto herói-cómico «Pundonores Desagravados» em 1845, até ao aparecimento do seu primeiro romance, «O Anathema», em 1851.

Nesta fase nota-se a hesitação na escolha dos géneros: entre o teatro e a poesia lírica e satírica. Dramatiza e critica aconte-

(Conclui na 7.ª pág.ª)

Artes e Letras

notas breves

Franscisco Franco, madeirense, é considerado pelo ilustre crítico de arte Reynaldo dos Santos como «um dos maiores escultores da Europa actual».

Seu irmão, Henrique Franco, é um dos nomes de maior destaque na pintura portuguesa do século XX.

*

Manuel Pereira (séc. XVII), Machado de Castro (séc. XVIII), Soares dos Reis (séc XIX) e Pereira Lopes (séc. XX) são talvez, com Francisco Franco, os maiores escultores portugueses.

*

Segundo uma opinião, subjectiva como todas as opiniões, os maiores pintores portugueses das últimas décadas são: — Almada, Eduardo Viana, Sousa Cardoso, Henrique Franco, Sousa Lopes.

*

Vieira da Silva, a genial pintora portuguesa, nascida em Lisboa, e naturalizada francesa por casamento em 1956, residiu algum tempo no Brasil. E o ambiente de portuguesismo em que viveu, em Portugal e no Brasil, embora se tenha educado em Paris, influenciou grandemente o seu génio criador, um dos maiores do nosso tempo. Vieira da Silva é, na pintura, uma das mais destacadas celebridades mundiais.

*

Waldemar da Costa, notável pintor nascido no Brasil de pais portugueses, cursou a Escola de Belas Artes em Lisboa. Viveu em S. Paulo e em Paris. Voltou há pouco a Portugal e fez uma exposição retrospectiva da sua pintura moderna, em Lisboa, Porto e Coimbra.

*

John M. Parker, escritor sul-africano, publicou re-

(Conclui na 7.ª pág.ª)

Excursão Pedagógica à Terceira e a S. Jorge

(Conclusão da 4.ª pág.ª)

tar típico terceirense — as *sopas*, a *alcatra* e o arroz-doce dos festejos do Espírito Santo. Deram-nos a honra da sua presença o Reitor, o Vice-Reitor e alguns Professores do Liceu de Angra. Depois, umas voltas pela cidade e mais tarde um pouco de *zaragata* no Liceu, à maneira de despedida.

DIA 14

De madrugada já todos se tinham deitado para um breve descanso. A's 7 horas todos no cais para a partida; as últimas despedidas, muitas *lágrimas* de bordo e de terra, três apitos e lá partimos de volta.

A viagem até S. Jorge decorreu sem grandes incidentes, além dos balanços constantes a que o mar nos obrigava.

A's 10,30 desembarcávamos no Topo, e enquanto esperámos pelas camionetas que nos levariam às Velas, tivemos ocasião de percorrer a antiga sede de concelho, detendo-nos mais a admirar a Igreja Matriz, que ostenta a data de 1761. E' notável a talha dourada e uma Custódia de elevado valor.

O Rev. Ouvidor, o faialense P.e Escobar, recebeu em sua casa alguns dirigentes e filiados que aproveitaram a oportunidade para telefonarem para o Faial.

A's 11 horas, o sr. Dr. Duarte de Sá, Presidente do Município das Velas e Director do Externato da vila, o sr. Fernando Mesquita, professor daquele estabelecimento de ensino, e um grupo de alunos do Externato chegam ao Topo para combinarem connosco o passeio até às Velas. Dai a pouco chegam as camionetas... e, não há tempo a perder, lá vamos.

Passamos pela freguesia de Santo Antão, onde observámos o aspecto verdejante dos terrenos de pastagem. O verde típico é devido à adubação e à abundância de humidade; na povoação de S. Tomé, da freguesia de Santo Antão, vimos algumas ribeiras que correm todo o ano. E não são as únicas, dizem-nos.

Os nossos veículos rodam agora pela Estrada Nacional, na Serra do Topo, e os aspectos surpreendentes da paisagem vão surgindo continua e naturalmente, como se se tratasse de um pais de topografia selecta: o vale da Serra do Topo, com desfiladeiros grandiosos e vegetação luxuriante; a vista do Pico da Esperança, o ponto mais alto da Ilha, dum planalto da Serra do Topo, com o Pico e o Faial ao fundo; o miradouro sobre a Fajã dos Vimes e de novo o Pico da Esperança, com a Calheta e a Ribeira Seca em primeiro plano.

Seguimos então pela Estrada Norte, passando pelo Norte Grande e Norte Pequeno. Uma curiosidade que nos apraz registar: na zona que medeia entre o Norte Pequeno e Santo António, fabrica-se o melhor queijo de toda a Ilha. Nestas povoações do Norte, observámos uma maior inclinação dos telhados, para facilitar o desaguamento, pois nesta zona as chuvas são excessivamente abundantes.

Fazemos um pequeno desvio por um ramal para podermos admirar as Fajãs de Santo Cristo, cuja lagoa é o único sitio dos Açores onde se criam ameijoas, e do Ouvidor.

Entramos no Concelho das Velas, por uma estrada transversal que se estende num percurso de 14 quilómetros, embora a Ilha tenha apenas 6 quilómetros de largura, tal a sua sinuosidade. Novos aspectos surgem agora: Chã das Lagoinhas; crateras do vulcão da Urzelina; miradouro da Estrada Transversal, vendo-se o Pico e o Faial e as freguesias de Urzelina, Manadas, Fajã de Santo Amaro e o Morro das Velas. Nas Manadas encontra-se a igreja mais valiosa de S. Jorge, considerada monumento nacional, por causa dos azulejos e ricas talhas douradas.

Chegados à Urzelina, detemo-nos para observarmos a torre, que restou intacta da igreja destruída pela erupção de principios do séc. XIX. A propósito, lembrámo-nos de dois filhos desta freguesia e que, mercê do seu mérito, conseguiram lugar de destaque no seu tempo. São eles o hidrologista Armando Narciso e o maestro Francisco Lacerda, que chegou a reger famosas orquestras parisienses.

Recordamos que esta freguesia é considerada a «Sintra de S. Jorge», designação que, pela primeira vez, lhe foi atribuida pelo antigo Bispo de Angra, D. Manuel Damasceno, sagrante do presentemente Cardeal Costa Nunes.

Na Urzelina fabrica-se uma aguardente de nêspera, parece que muito saborosa, dizem os apreciadores. A Fajã de Santo Amaro é o grande centro de cultura de pomares de laranjeiras: a maior quinta tem para cima de mil árvores.

O percurso entre a Urzelina e as Velas não é muito extenso. Deixemos a aguardente de nêspera e as laranjeiras e admiremos a vista do miradouro das Velas. De facto, só visto!

A primeira paragem na nobre vila das Velas é mesmo junto ao Externato Cunha da Silveira, onde nos esperam os colegas jorgenses e uma aluna do Externato oferece um ramo de flores aos dirigentes da excursão, ao mesmo tempo que nos saudam com entusiásticos F. R. A. Visitamos as instalações e gozamos uns momentos de bem merecido repouso. Em seguida, e para cúmulo de tanta gentileza, é-nos servida por gentis meninas uma apetitosa merenda. Aos brindes usaram da palavra uma aluna jorgense, que proferiu uma saudação aos nossos excursionistas, o sr. Dr. Duarte de Sá e, a agradecer, o sr. dr. Tomaz da Rosa.

O «Terra Alta» já *está farto* de esperar por nós. Não há tempo a perder: embarque rápido e F. R. A. de despedida.

O resto da viagem foi passado sob a acção de uma ondulação forte, mas que não provocou «chamadas pelo Gregório» porque, segundo nos explicaram, aquele tipo de vaga não indispõe os viajantes e, além disso, a viagem de regresso é menos fatigante. O barco segue para o Cais do Pico onde tem pequena demora e ao darmos por nós, estamos a entrar na Horta.

No cais, somos alvo de entusiástica recepção por parte de uma imensa multidão de parentes e amigos.

São apenas 7 horas, mas, fatigados como os excursionistas estão, será melhor irem repousar. Nós também vamos...

Do nosso Liceu

Ampliação do Liceu da Horta

Segundo consta, serão iniciadas, em breve, as obras de aumento do nosso Liceu e que importarão em cerca de cinco mil contos. Os estudantes do Liceu Nacional da Horta, antevendo a concretização do grande projecto, regozijam-se com o facto.

Professores efectivos

—Foi nomeado professor efectivo do Liceu de Angra, prevendo-se a sua transferência para o da Horta, o sr. Dr. Tomaz da Rosa, Adjunto do Centro Escolar N.º 1 da M. P. e Editor deste Jornal.

—O sr. Dr. José Bernardo Cardoso Margarida acaba de ser colocado, como professor efectivo, no Liceu de Portimão.

Notas sobre Camilo Castelo Branco

(Conclusão da 5.ª pág.ª)

cimentos e factos que impressionam ainda a maior parte dos leitores. Como exemplo da poesia satirica podem citar-se «Juizo Final» e «Murraça» e da poesia lirica «Inspirações» que preconizam o futuro criador do Romance passional.

b) A 2.ª fase começa com «Anathema» ,romance de estilo não definido e linguagem confusa.

E' este o periodo mais fecundo da vida do escritor e também aquele em que se afirmou como artista. Evidenciam-se as caracteristicas românticas que culminam em «O Amor de Perdição», romance sentimental que adquiriu grande voga em Portugal e no estrangeiro.

Desde a publicação desta obra até 1879 nota-se grande variedade na produção literária. São estes alguns dos volumes publicados: «O Bem e o Mal», «O Judeu», «O Santo da Montanha», «Queda de um Anjo», romance satirico que constitui uma novidade em Camilo; «A doida do Candal», «Retrato de Ricardina», «Entardecer da Vida», volume de versos.

Em 1875 aparece parte das 12 novelas do Minho que vêm revolucionar o estilo camiliano. Sem deixar de empregar as caracteristicas e elementos já usados começa a voltar-se para o superior processo realista e a comunicar-nos uma sensação mais viva das cenas. Isto, porém apenas em algumas passagens como «Maria Moisés» e «A Morgada de Romariz» e não em todas as novelas. Estando já o romance realista de Eça de Queirós no auge da fama, Camilo escreve «Eusébio Macário» e «A Corja», não só para mostrar que também sabia servir-se dos novos moldes, mas até com intenção caricatural. Para esse fim, tomou, não o Realismo pròpriamento dito, mas o naturalismo de Zola que melhor se prestava para o desejado efeito.

No entanto, apropriou-se Camilo dos recursos da escola realista, o que se pode verificar na novela «A Brasileira de Prazins» que, embora obedecendo ainda a certas carecteristicas do romance passional, contém vários capitulos de impressionante realismo.

Através da evolução da novela camiliana, nota-se o abandono dos gostos ultra-românticos e opção da nova escola.

Contudo, nas novelas que mais se aproximam do Realismo, verificam-se algumas imperfeições de ordem literária e outras. Há uma explicação para o facto. A sua educação e modo de vida não o deixavam acompanhar com proveito o desenvolvimento contemporâneo da melhor literatura de ficção. Mesmo assim foi Camilo o ficcionista português mais lido no seu tempo e, ainda hoje, quem quer que sinta gosto pelas letras, encontra motivo de agrado nos livros deste notável escritor.

Eduardina Amaral - 7.º ano

A ARTE E A MORAL

(Continuação da 5.ª pág.ª)

preocupação estética e moral».

O artista pode na verdade ser independente e não obedecer a teorias estéticas, mas libertar-se da moral não pode, pois é homem, lança a sua mensagem a outros homens, e a Moral está implícita em todas as acções humanas.

Querer fazer triunfar o instinto é fugir da verdade, afastar-se do objecto da Arte. Nenhum homem é só animal e o instinto só representa uma parte da realidade e uma parte que não se pode figurar desligada do espiritual, que a acompanha. A actividade humana não pode ser de modo algum instintiva, pois assim condena o homem fatalmente à condição de animal.

Quem negará, sem preconceitos, que a impressão estética pura é muito maior perante uma obra de arte moralizadora ou mesmo indiferente que perante uma criação imoral de um individuo de muita «arte»? Uma criação que provoque sensualidade, por exemplo, não é obra de arte, pois aquela apaga a impressão estética.

Pode uma criação imoral revelar a arte de um individuo, descobrir um artista, enquanto este souber transmitir com fidelidade a sua ideia, mas falta-lhe algo para que com justiça se considere obra de arte.

Para que qualquer criação possa assim chamar-se são necessárias três coisas, que se concluem da própria definição: a obra de arte exige uma «emoção ou ideal de beleza» no artista, depois uma concretização desse ideal e, finalmente, a existência de individuos que sejam capazes de sentir e compreender a ideia de beleza, que o artista quis trasmitir.

Se a obra do artista não produzir, portanto, impressão estética pura, que nos arrebate e eleve, para dar lugar a sentimentos aviltantes e que nos afastam do Bem, não se classificará com propriedade como obra de arte. Ficará uma criação de artista, mas, na criação artistica, será obra impotente e frustrada.

Poderemos ainda tirar conclusões idênticas analisando o fim último da Arte.

Leonardo da Vinci dizia que o fim último da pintura era representar a alma.

O mesmo se pode dizer de todas as artes.

O próprio Hegel diz o mesmo: «se se quiser marcar um fim último à arte, será ele o de revelar a verdade, o de representar, de modo concreto e figurado, aquilo que agita a alma humana e desperta em nós o sentimento do belo».

Quem quiser representar com exactidão e verdade a alma humana, seja em que aspecto for, tem de atender ao problema do Bem e do Mal, que agitam todo o homem e constituem cenário de todas as suas acções.

O artista tem de vincar

(Conclui na 17.ª pág.ª)

NOTAS BREVES

(Conclusão da 5.ª pág.ª)

centemente em inglês um estudo, a que deu o titulo de «Três poetas portugueses do século XX», sobre Fernando Pessoa, Sá Carneiro e José Régio.

*

Segundo alguns criticos, os quatro maiores poetas portugueses são Camões, Antero de Quental, Pascoais e Fernando Pessoa.

*

O poeta António Gedeão (pseudónimo literário do Dr. Rómulo de Carvalho, que já pertenceu ao quadro dos professores efectivos do Liceu da Horta) é um caso original no panorama da actual poesia portuguesa. Inspira-se no progresso cientifico e técnico.

*

No número 17 da revista «Colóquio», publicado este ano, vêm dois artigos sobre a arte portuguesa em Goa: — «Goa e a arte indo-portuguesa», por Reynaldo dos Santos, e «A arquitectura Indo – Portuguesa» por Mário Chicó. Neste último colhemos a informação de que a catedral de Goa, cuja construção se iniciou em 1562, é a maior de todas as igrejas portuguesas.

*

Para uma visão de conjunto dos modernos poetas portugueses, são muito úteis as seguintes antologias: — «Liricas Portuguesas», 3.ª série, por Jorge de Sena — e «Antologia da novissima Poesia Portuguesa», por Maria Alberta Menéres e E. M. Melo e Castro.

*

Companheiros de Ester de Lemos é considerado pela critica um dos melhores romances portugeeses da actualidade.

*

Em Cabo Verde, desde o movimento iniciado pela revista «Claridade» há mais de vinte anos, tem florescido uma literatura com caracteristicas próprias dentro do panorama da literatura portuguesa.

O Material Escolar

PAPELARIA
DO
«CORREIO DA HORTA»

Alfaiataria Coimbra

Comunica aos seus fregueses e público em geral que recebeu novos padrões, exclusivo desta casa.

Não esqueça também as facilidades de pagamento que é acessivel a todas as bolsas.

Fato completo com desconto de 10 %, a prestações e a combinar conforme a bolsa do freguês.

Aproveite esta oportunidade visitando a

Alfaiataria Coimbra

única no género

RUA SERPA PINTO, 7-A

Padaria Açoriana

de José Peixoto de A'vila & C.a

Fabrico e distribuição de pão
Artigos de Mercearia
Vinhos
Cervejaria

Padaria Açoriana

PRAÇA DO INFANTE

CINE-AÇOR

ESPLANADA — CLUB NAVAL

Se aprecia Arte e um bom filme quer ver
Visite a Esplanada do Club Naval
«Tempo para amar e tempo para morrer»
Abre a estação de Verão no Faial

«Conversa de travesseiro» — Sensacional
Outro filme que você terá de ver
Só falta anunciar a data colossal
Vinte sete de Maio, se não chover

ARTE-ARTE

«TODDY» AUMENTA A CAPACIDADE MENTAL E FÍSICA

PHILIPS

apresenta

7 MODELOS
TOTALMENTE
TRANSISTORIZADOS

Grandes facilidades de pagamento

AGENTES - OFICIAIS

Francisco J. Campos, L.da

NOVOS BRINDES

Milo Nestlé

à sua escolha

ALIMENTO IDEAL PARA O ESTUDANTE

Combate o cansaço

Aumenta a capacidade de trabalho

Fornece energia para todo o dia

As entregas dos brindes fazem-se nos escritórios de

António Pereira do Amaral & Filhos, Lda.

apenas com 2 rótulos pequenos ou 1 grande de MILO NESTLÉ e

No valor de cerca de

Esc. 12$50 . . . 1 almoçadeira 20$00
Esc. 30$00 1 estojo de desenho 50$00
Esc. 40$00 . . 1 boneca regional 60$00
Esc. 50$00 . . 1 bola de futebol 70$00

à venda em todos os estabelecimentos

AGENTES DISTRITAIS

António Pereira do Amaral & Filhos, Lda.

ZÜNDAPP

Já chegou a 6.ª remessa de bicicletas motorizadas

Zündapp-Falconette Modelo KS 50

com 4 velocidades, mudança de pé, arranque por pedal (Kickstarter)
pneus super-balão 21x2.75, assento corrido, porta-bagagem cromado

e já chegaram

Motociclos

Zündapp

TROPHY - S 175
e TROPHY - S 250
de 175 e 250 cm3

únicos com arranque eléctrico!

Karl-Heinz Grötzner

Confie a execução dos seus trabalhos fotográficos

à

Foto Azul

Rua Walter Bensaúde

Se quer ser bem atendido e deseja bons trabalhos dirija-se à

Sapataria Lecoq

Rua Walter Bensaúde

HORTA

Casa Leão

DE

JOSÉ PEDRO DA ROSA

onde podereis encontrar frutas, queijo e o velho «Sangue de Leão» que conforta o coração

Matriz - Horta

Telefone 344

Não esqueça:

O «Café Volga»

é o

Café da "Malta"

Com DYRUP pinta mais gastando menos, porque DYRUP resiste mais ao tempo!

UM TIPO ESPECÍFICO PARA CADA FIM!

Uma oferta que é uma garantia da

DYRUP

O AGENTE DISTRITAL

TEÓFILO FERREIRA GARCIA

Sub-Agências no Faial e Pico

Na Secção de Papelaria da Firma

Manuel Alexandre da Silva

(Herdeiros)

RUA WALTER BENSAÚDE, 10

Encontrará todo o material da especialidade, bem como louças finas, brinquedos, etc.

Este espaço estava reservado para um anúncio do 67, mas os carros da Garagem Dutra Faria são tão conhecidos e servem tão bem os seus Ex.mos Clientes, que dispensam publicidade.

Baterias Sonnenschein

com BATERIAS SONNENSCHEIN V. Ex.ª terá no seu automóvel, melhor luz, melhor buzina e melhor arranque

6 e 12 Volts de 31 a 200 Amperes

Sempre em depósito no Agente Geral para os Açores

António Gonçalves da Rosa

Largo da Matriz, 6 *HORTA*

TELEFONE 214

General Electric

Um Símbolo de Garantia

Tudo o que é preciso para a sua casa, para o seu automóvel, para a sua comodidade

Agente oficial na Horta

António Gonçalves da Rosa

Largo da Matriz, 6

O CIGARRO «TRIUNFO» SATISFAZ PLENAMENTE

ALFAIATARIA
Rodrigues
DE
Francisco Augusto de Azevedo

Executam-se todos os trabalhos para Homem e Criança

a Chapelaria
BRACARENSE

Apresenta a grande moda de chapéus, com pena ou sem pena, para Homem e Criança

RUA SERPA PINTO, 16
HORTA

SAPATARIA
Mascote
de Eduino Cândido da Silveira

PERFEIÇÃO
RAPIDEZ
ECONOMIA

Largo do Bispo, 10
TELEFONE 346

Telefone para o 257
e terá à Vossa disposição
o excelente
CHEVROLET
DE
MANUEL MACHADO CELESTINO
Praça do Infante

A propaganda dos
Vinhos Camilo Alves
vai a todo o comerciante

Esta é a missão dos Agentes no Distrito

J. C. SOARES
TELEFONE 213
o mesmo dos Automóveis

Livraria de "O Telégrafo"

LIVROS DOS MELHORES AUTORES
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO
VARIADA E MODERNA COLECÇÃO DE PAPEL DE CARTA EM CAIXAS E BLOCOS
Livros e Cadernos Escolares
Estojos para Desenho
Canetas de tinta permanente e esferográficas
Figurinos e livros de culinária
Albuns para fotografias, autógrafos, etc.

Por preço acessível, adquira na Livraria de «O Telégrafo» artigos para ofertas

SE PREFERIR A
MERCEARIA
FAVORITA
RUA CONSELHEIRO MEDEIROS
terá uma dupla satisfação:
ser mais bem servido
comprar mais barato

A «FAVORITA» é a favorita do Público

Casa Santos

tem à venda as famosas camisas:

TV Letras que não vos dizem nada excepto quando afixadas no colarinho duma Bela Camisa

TV *a camisa do homem elegante*

CHOCOLATES • CARAMELOS
PETISCOS • VINHOS
LICORES • VINHOS FINOS
ALMOÇOS • JANTARES

Restaurante **Capitólio**

Capitólio para os Romanos
Era glória, triunfo, louvor
Ainda hoje, volvidos tantos anos
A palavra não perdeu o seu fulgor.

No Café-Restaurante Capitólio
Da Horta, na ilha do Faial
De bons pratos verá o monopólio
Doces, vinhos finos sem igual.

Rabbialac

TINTAS para todos os fins e aplicações

Agentes distribuidores no Distrito
Júlio Dutra d'Andrade & Macedo, Lda.

COMA «PIPOCA»

João Silva

RÁDIO - TÉCNICO

Reparações em todas as marcas de
Rádios,
Receptores,
Amplificadores de som,
Emissores,
Etc.

Roupas Feitas (2 palavras)
uma só palavra

NOVI

onde o bom gosto impera
e os preços se impõem!

Para o seu automóvel!

SEGMENTOS
DEVES

MAIS
DURAÇÃO
RESISTÊNCIA
SEGURANÇA
QUILOMETRAGEM

REPRESENTANTE PARA OS AÇORES
STAND MACHADO
ANGRA DO HEROÍSMO
Informações no Distrito da Horta
José Machado — Foto Jovial

CASA JASSIL

Perfumaria c/ 10°/₀ de desconto
Batons — as últimas novidades
Lápis Sohameles — 3 cores
Vernizes — os últimos tons da moda
Pó compacto — odoronos — perfumes
Para a barba — ELECTRIC SHAVE
Sabonetes e muitas novidades

Para as vossas refeições prefira o

Restaurante Horta

Ementas variadas com
carnes, peixe, mariscos, frutas, doces, etc.

RESTAURANTE HORTA
RUA DA CONCEIÇÃO

Não hesite...
Dirija os seus passos à

Mercearia Othon Amaral

com o mais completo sortido
de mercearia fina
TELEFONE 139

Consertos de graça

V. Ex.ª nunca se arrependerá se comprar um relógio na
RELOJOARIA PATRÍCIO
porque, no caso de avaria, são consertados com a melhor perfeição e quase sempre de graça.

CARIMBOS

Carimbos em borracha ou metal
fotografias esmaltadas em qualquer tamanho

ACEITA ENCOMENDAS A
Casa dos Bordados

PASTELARIA
IDEAL

no Largo da Matriz
VINHOS
CAFÉS
DOCES
e brevemente
os deliciosos
SORVETES

A CERVEJA
Sagres
é a preferida

Tabacaria
da Sorte

É a Casa
do Estudante

Na TABACARIA DA SORTE
encontrareis todos os livros
e material necessário para
os vossos estudos

Prefira a Tabacaria da Sorte

CAMISAS
TRICOT NYLON
J. O. e T. N.
167$50
Casa Arruda
HORTA

TAGUS
COMPANHIA DE SEGUROS
Segura todos os ramos
Todas as modalidades em seguros de vida
CONSULTE
Henrique Vaz

TELEFONE 380
Automóvel de Aluguer
FIAT 1800
a cargo de
José Inácio

Quando precisar, lembre-se das
Camionetas de Aluguer
MERCEDES BENZ
DE
Francisco Ferreira de Oliveira
TELEFONE 362

OURIVESARIA E RELOJOARIA
Olimpio
HORTA-FAIAL
Agente oficial dos relógios
Omega, Tissot, Aureus, Zinal, etc.
Artigos para brindes em ouro e prata
CASA FUNDADA EM 1928
TELEFONE 311

Importância científica da viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral

E' notável a contribuição lusiada para o progresso da Aviação.

Entre os pioneiros, contam-se Bartolomeu de Gusmão, que em 1707, com a sua célebre passarola, demonstrou a possibilidade de suspensão de um corpo no ar.

No séc. XIX, Santos Dumont, brasileiro, foi o primeiro a levantar voo do solo num aparelho mais pesado do que o ar, constituindo o seu invento um triunfo.

Já neste século, Sarmento de Beires e Brito Pais, depois de uma tentativa de voo Lisboa-Madeira, aliás infrutífera, realizaram em 1924 um voo Lisboa-Macau, feito notável para a época.

Realizaram-se, por esta altura, diversos voos da Metrópole para as diversas provincias do Ultramar, constituindo todos eles motivo de orgulho para a aviação nacional, tanto pela pericia dos pilotos como pela sua bravura.

Em 1934, Humberto da Cruz realizou uma viagem aérea de Lisboa para a India, Macau e Timor, um dos voos mais ousados que constam nos Anais da Aviação Portuguesa.

São também dignos de nota nomes como Jorge Castilho, Plácido Abreu e Carlos Bleck, hábeis pilotos da época, cuja contribuição desinteressada muito prestigiou a aviação nacional.

A todos estes, porém, excedeu em valor e consequências, o grande sábio e geógrafo que foi Gago Coutinho, o português que mais profundo vinco deixou nos Anais da Navegação Aérea Mundial.

Gago Coutinho, o precursor da aviação actual, efectuou juntamente com Sacadura Cabral, um dos mais dextros pilotos portugueses, diversos voos que demonstraram a eficácia e utilidade dos seus métodos da orientação aérea.

A principal inovação que Gago Coutinho introduziu na aeronáutica, foi a navegação com rumo pré-determinado; para isso o ilustre oficial de marinha, servindo-se dos seus vastos conhecimentos de navegação marítima, aplicou alguns destes principios à navegação aérea, obtendo excelentes resultados. Inventou mesmo um sextante especial, aparelho muito importante para a condução da rota e adaptou tábuas de navegação para o fim a que se propunha.

Os seus estudos feitos em segredo com Sacadura Cabral foram coroados de êxito, numa viagem experimental que fizeram de Lisboa ao Funchal em 1921.

Contemporâneos dos dois navegadores faziam já longos percursos, mas orientando-se ùnicamente pela agulha. Partiam da França para a Argélia não sabendo exactamente em que ponto desceriam, chegando muitas vezes a descer em pontos muito distantes do que demandavam.

Vários percursos foram também efectuados no Atlântico Norte, da América para a Irlanda, com escolta de unidades da marinha de guerra, sem no entanto serem atingidos objectivos pré-estabelecidos.

Mas o voo que definitivamente comprovou o valor dos novos métodos de Gago Coutinho e dissipou as dúvidas dos mais cépticos, foi o longo percurso Lisboa—Rio, feito em cinco fases: Lisboa — Canárias, Canárias—Cabo Verde, Cabo Verde—Penedos de São Pedro, Penedos — Ilha de Fernando Noronha e Fernando Noronha — Recife, donde a viagem se fez até ao Rio. Este feito foi levado a Cabo em Março-Junho de 1922, sem escolta, o

(Conclui na 15.ª pág.)

Breves apontamentos sobre a história do papel

Apesar da importância manifesta do papel na vida moderna, raras vezes nos ocorre a pergunta: qual terá sido a sua origem?

De acordo com a hipótese mais provável, a primeira folha de papel foi fabricada na China. Segundo uma lenda corrente, o papel teria sido inventado cerca do ano 200 da nossa era, por um eunuco de nome Ts'ai Lun, na provincia chinesa de Hunan. Ao observar a superfície dum tanque onde eram lançados os restos das matérias primas da indústria de tecelagem, então muito desenvolvida naquela provincia, Ts'ai Lun lembrou-se de retirar a pelicula de fibras celulósicas que cobria a água do tanque e de a colocar a secar, de modo a que obtivesse uma folha. Para isso, preparou um «bastidor», segundo se conta, de bambu, com o qual mantinha tenso um pedaço de pano.

Em seguida, mergulhou-o na água dum recipiente e deixou cair sobre aquela as fibras dissociadas dos desperdicios de pano. As fibras, depositando-se sobre o bastidor, formaram uma camada continua que, seca ao Sol, deu a primeira folha de papel, do mesmo papel com que actualmente escrevemos.

Nunca se poderá saber onde termina a lenda e começa a verdade histórica do facto atrás mencionado. No entanto, o que nos parece certo é que o papel teve por berço o Oriente.

Descoberto o papel, iniciou-se a sua viagem para o Ocidente, que demorou cerca de 10 séculos. Por volta do ano 1200, pode dizer-se que já toda a Europa conhece o papel, embora o aceite com grande relutância, em virtude de o pergaminho então empregado oferecer séria concorrência. No entanto, a pouco e pouco, o papel vai-se impondo, de tal modo que no século XVIII o pergaminho se usa apenas em edições especiais.

Em meados do séc. XVIII, surge a primeira máquina para o fabrico do papel. Até então, a preparação daquele produto era exclusivamente manual. Note-se que o papel de fabrico manual é de qualidade muito superior à do mecânico. Não obstante, o segundo é empregado em muito maior escala, pois o seu processo de preparação é muito menos moroso e, consequentemente, de custo menos elevado.

Como complemento, cumpre-nos salientar o seguinte facto, bastante curioso; as matérias primas da indústria do papel são, ainda hoje, as mesmas de há 1700 anos e os processos de fabrico, na sua evolução através dos séculos, não conseguiram abandonar o método do bastidor empregado por Ts'ai Lun, na tarde memorável em que preparou a sua folha de papel, avó dos numerosissimos objectos de papel que hoje utilizamos.

Agradecimento

O «Arauto», em nome dos Centros da M. P., torna público o seu agradecimento aos sr.s Professores Jorge Terra e António da Luz Rodrigues, pela dedicada colaboração prestada ao espectáculo cultural da M. P., respectivamente nos ensaios das peças de teatro e dos bailados regionais.

Grupo "Amigos de Olivença"

Da digna Direcção deste benemérito e patriótico Grupo recebeu o «Arauto» uma comunicação com palavras de apoio à sessão educativa sobre Olivença, levada a efeito pelo Centro Escolar N.º 1 da M. P., e ao artigo de fundo «Até quando o caso de Olivença?» da autoria do nosso prezado colaborador, o filiado Alberto Borges.

Agradecemos a benévola atenção.

A propósito do Colóquio Nacional de Psicopedagogia

Educar não é tarefa fácil... E' necessário esforço e dedicação para levar a criança à plenitude da sua vida de homem!

Educar é dar-se... é compreender, é conhecer, e para atingir este último objectivo o verdadeiro mestre tem de lançar mão a todos os recursos ao seu alcance.

Um estudo especializado que mostre objectivamente a realidade da criança é, sem dúvida, um elemento indispensável, porque abre novas perspectivas de que sózinho o educador não se daria conta.

E é esse estudo mais intenso e profundo que corresponde, afinal, a uma necessidade, o principal objectivo do Colóquio Nacional de Psicopedagogia a realizar em E'vora de 2 a 7 de Abril do corrente ano. E' patrocinado por Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional, tendo por Presidente da comissão executiva o professor Dr. Delfim Santos e da comissão organizadora o Monsenhor José Mendeiros.

Tomam parte neste Colóquio professores de todos os graus de ensino, médicos, advogados, juristas, assistentes sociais e todas as pessoas interessadas nos problemas que vão ser objectos de debate:

1 — A criança e o meio. — O Adolescente o meio.

2 — Descoberta vocacional e a orientação escolar e profissional.

3 — A formação dos pedagogos.

Decerto que o idealismo que anima o Colóquio Nacional de Psicopedagogia há-de despertar o entusiasmo em todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, têm a bela missão de educar.

Para alguns estudantes a palavra Psicopedagogia pouco significa, porque desconhecem o seu verdadeiro sentido. Quer dizer ciência e arte de educar a alma.

Logo todo o educador só agirá eficazmente sobre o educando se lhe conhecer a alma, a sua maneira de sentir e pensar.

São sobretudo a Psicologia e a Pedagogia que dignificam o papel do mestre, numa acção que deve ser humilde, compreensiva e enérgica.

Assim como o cultivador conhece a sua terra e o escultor a qualidade do seu mármore... como o artesão conhece não só a sua ferramenta mas a matéria que trabalha, também nós, educadores, só agiremos eficazmente sobre a criança, conhecendo bem, não apenas as técnicas e instrumentos a empregar, mas sobretudo a própria criança, na sua simplicidade e complexidade, tornando-nos de novo com alma de criança, para subir com ela para a plenitude duma vida de homem.

E, se o medo do ridículo impedir algum professor de observar a vida dos seus alunos, participar nas suas brincadeiras e dificuldades, saber olhar os pequenos «nadas», as alegrias e os trabalhos das crianças, com uma perspectiva infantil que vê tudo reduzido à medida das suas próprias forças, o seu lugar não seria nunca junto desses pequeninos, a sua velhice de alma esmaga-os e sufoca-os!

O que separa a mentalidade adulta não é apenas uma diferença de grau ou de maturação, mas uma diferença profunda de natureza; cada fase do desenvolvimento infantil implica uma originalidade psicológica peculiar.

Seria preciso ser perfeito para ser inteiramente digno do papel de educador. Digamos para não perder a esperança que é preciso procurar sempre o progresso, o melhor, e nunca nos contentarmos com a mediocridade.

Para educar as crianças devemos também nós educar-nos com elas.

E aprender a educar uma criança é aprender a proteger a sua verdadeira felicidade — a felicidade terrena e eterna. E' também mantermo-nos ao mesmo tempo no espirito de infância e de simplicidade que o Evangelho no-lo afirma, e é o único que nos pode garantir direito ao Reino Prometido.

O professor que se dedique com amor à sua tarefa, creio que só colherá alegrias, apesar de todas as dificuldades e obstáculos.

E' necessário que nós, futuros professores, saibamos por vezes ultrapassar as atitudes derrotistas daqueles que se satisfazem na mediocridade e que, ao escutar os nossos sinceros ideais e bons propósitos, as nossas aspirações para a vida profissional, nos respondem muito apàticamente. Isso tudo passa!... Mas se há espiritos mesquinhos há também outros, professores autênticos, que aceitam de bom agrado o esforço, que têm uma preocupação contínua de ajudar e servir, como nos afirma Sebastião da Gama no seu inesquecível Diário, quando lhe perguntaram: «Tens muito que fazer? Não. Tenho muito que amar. (Não entendo ser professor de outra maneira. E não me venham dizer que isto assim cansa e mata; morrer-se, sempre se morre: e à minha maneira tem-se a consolação de não ser em vão que se morre de cansaço)».

E porque a nossa tarefa exige sobretudo Amor, incorreriamos em erro se julgássemos fácil a tarefa de educar: merece que lhe consagremos todas as forças e todo o nosso coração, porque é uma tarefa grande e nobre.

Diz-nos Mário Gonçalves Viana, no livro «A Psicologia da Criança», que «A infância é a idade mais feliz e mais atraente». De onde provém o facto de nós gostarmos de acariciar as crianças, de as abraçarmos e de enternecerem até os próprios soldados inimigos? E' que a Natureza benévola deu-lhe tal encanto a fim de que ela faça esquecer aos seus mestres as dificuldades da sua educação.

Já estou a ser demasiado extensa. Peço finalmente a vós, colegas e futuros professores, que meditemos mais um pouco sobre a nossa difícil mas grandiosa tarefa, para que, tomando consciência dos nossos deveres e responsabilidades, não vamos para a vida com a certeza de não encontrarmos dificuldades nem espinhos, mas com a certeza de que venceremos, porque sabemos «querer».

Março de 1962.

Maria Ângela de Oliveira
Aluna do 2.º Ano do Magistério Primário

Importância científica

(Conclusão da 14.ª pág.ª)

que mostra bem o espírito aventureiro dos dois navegadores e a confiança nos seus métodos.

Na sua chegada ao Brasil, o «Lusitânia», pilotado pelos dois heróis, foi apoteòticamente recebido pela multidão delirante, que muito homenageou Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

A Imprensa mundial deu larga repercussão ao facto, comentando elogiosamente a bravura e o espírito científico dos dois portugueses.

Para que se veja a importância dos estudos de Gago Coutinho, basta salientar que foi convidado a fazer numerosas conferências no estrangeiro, e enumerar algumas das honras com que foi distinguido: Grã-Cruz da Ordem Militar da Torre-e-Espada, de Valor, de Lealdade e Mérito, distinções nacionais; Legião de Honra — França, Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul—Brasil, Mérito Naval e Mérito Militar—Espanha.

Tal foi a consagração do heróico aviador e sábio, que posteriormente ainda se distinguiu como historiógrafo, realizando valiosos estudos sobre as viagens de Vasco da Gama e Bartolomeu Dias a quem atribui, com sólidos fundamentos, a descoberta do Brasil.

Luís Abreu — 7.º ano

Desportos da M. P.

EM ANGRA

Disputaram-se em Angra do Heroismo, três encontros, em que os Alunos do nosso Liceu tiveram como adversários os seus colegas de Angra.

No dia 12 realizaram-se dois jogos, sendo um de Andebol e outro de Futebol de Salão.

Em ambos os jogos a nossa equipa superiorizou-se aos adversários, e só não ganhou o encontro de Andebol, por manifesta pouca sorte.

Andebol

O primeiro encontro da tarde foi o de Andebol. As equipas alinharam da seguinte forma, sob a direcção do sr. António Verissimo:

L. de Angra — Aristides, Álvaro, Humberto, Jacinto, Carlos (Monteiro), Dedi e Diocleciano.

L. da Horta — Cabral, J. Aica (J. Neves), J. Germano, A. Quaresma, M. Lourenço, C. Garcia e T. Alberto.

1.ª Parte

Angra 2 - Horta 4

1m — Mário Lourenço faz 1-0.

6m — Tomás Alberto eleva o resultado para 2-0.

7m — Cabral executa uma excelente defesa a remate de Dedi.

8m — Dedi reduz a diferença para 2-1.

13m — Monteiro iguala o jogo.

14m — Novo golo de Monteiro, que o árbitro invalidou.

14m 30s — Lourenço põe de novo a Horta a vencer

16m — Jaime Neves substitui Aica.

19m — Lourenço faz 4-2 e fixa o resultado da 1.ª parte.

2.ª parte

1m — Monteiro reduz a diferença, para 4-3.

3m — Lourenço repõe a diferença fazendo 5-3.

4m 30s — Tomás eleva o resultado para 6-3

5m 30s — Golo invalidado a Tomás.

6m — Jacinto faz 6-4.

8m — Monteiro reduz para 6-5.

12m — Dedi iguala o jogo.

13m 30s Dedi faz 7-6 e põe, pela primeira vez, a sua equipa em vantagem no marcador.

15m — Jaime Neves faz 7-7.

17m — Dedi recompõe a diferença fazendo 8-7.

18m — Dedi faz golo, mas é invalidado.

19m — Luciano aumenta o resultado para 9-7, e fixa o resultado final.

Futebol de salão

Sob a arbitragem do sr. António Verissimo as equipas alinharam como se segue:

Angra — Aristides, Jacinto, Diocleciano, Gil e Clinio.

Horta — Avelino, H. Quaresma, M. Amaral, Honorato, J. Álvaro (R. Mesquita).

Jogo sem interesse, tão grande foi a superioridade dos faialenses que se limitaram a fazer exibição, pelo que o resultado não foi mais além.

1.ª Parte 2-0

3m — 1-0, H. Quaresma.

12m 30s — 2-0 por J. Álvaro

2.ª parte

20s — 3-0 por J. Álvaro.

12m 30s — 4-0 por Honorato.

Futebol

Na 6.ª feira dia 13, disputou-se no Campo de Jogos da Cidade o encontro de futebol entre as equipas do Liceu de Angra e do Liceu da Horta.

Uma vez mais os jogadores faialenses não foram felizes, pois os adversários ganharam o jogo, devido não só ao péssimo estado do terreno, mas também à exibição pouco feliz do guardião faialense.

O árbitro também foi um tanto ou quanto caseiro, anulando um golo legalissimo aos faialenses, além doutras decisões muito parciais.

Sob a direcção do sr. Manuel Góis, as equipas alinharam do seguinte modo:

L. Angra — Aristides; Couto, Humberto e Weber; Bretão e Clinio; Dedi, Monteiro, Diocleciano, Durval e Gil.

L. Horta — Jaime Neves; M. da Rosa, H. Quaresma e R. Mesquita; A. Quaresma e A. Borges; Honorato, M. Amaral; J. Álvaro, C. Garcia e J. Aica.

1.ª parte 2-2

15m — João Álvaro entrou na área isolado, mas foi rasteirado. O árbitro assinalou o castigo máximo, que Quaresma transformou da melhor maneira, mas o sr. Góis, inexplicàvelmente, mandou repetir a grande penalidade; este foi o grande erro do sr. Góis. Na repetição, A. Quaresma atirou ao lado.

20m — M. Amaral sobre a extrema direita, atirou em geito de centro, entrando a bola na baliza de Aristides, sem possibilidade de defesa para este.

(Conclui na 17.ª pág.ª)

Valor da Educação Física

Desde há muitos séculos que a Educação Física vem sendo um meio para a formação da Juventude. Os gregos foram o primeiro povo a interessar-se pela prática da Educação Física.

De facto, foi na Grécia que, muitos anos A. C., houve um culto constante devotado ao atletismo. Lá se realizavam jogos muito importantes, que reuniam todos os povos gregos vizinhos, durante dias e dias, suspendendo-se, por esse motivo, as guerras e desavenças.

Eram quatro os festivais mais notáveis. Os mais célebres de todos foram os Jogos Olímpicos, de quatro em quatro anos, e cujo nome ainda hoje persiste. Os outros eram os Jogos Ístmicos, os Nemeus e os Piticos.

Todos eles tinham por fim a divulgação e desenvolvimento da cultura física e incitar o povo a frequentar os ginásios, que eram autênticos centros da vida pública.

Nesses ginásios reuniam-se adolescentes, adultos e velhos, todos no anseio de exaltarem o vigor e a beleza aliados ao aperfeiçoamento do espirito. Lembremos o exemplo e a autoridade dos gregos nesta matéria.

Portanto, sendo a Educação Física um meio essencial para a formação da Juventude, ela deve ser ministrada cuidadosamente e a sua actuação faz-se através da ginástica, dos jogos educativos, da iniciação desportiva e desportos.

A ginástica e os jogos educativos fazem, actualmente, parte dos programas oficiais. O desporto é uma actividade especializada de exigências particulares, quer técnicas quer tácticas, que têm por objectivo, na maior parte dos casos, a competição.

Iniciação desportiva e desportos só podem ser ensinados com eficácia, desde que o seu ensino seja feito segundo a competente orientação científica como a que se ministra nos institutos da especialidade (em Portugal, o INEF).

Sendo a Educação Física tão importante para a Juventude, é de lamentar que entre nós não tenha ainda atingido o nível e despertado o interesse, que se observa noutros países. Por exemplo na Inglaterra, a Educação Física, obrigatória desde a primeira idade escolar, tem tanta importância como a Física ou a Matemática, e quem diz a Inglaterra, diz outros países também.

E isto porquê?

Porque nesses países se compreendeu bem a frase que resume os objectivos visados pela Educação entre gregos e latinos: alma sã num corpo são — «Mens sana in corpore sano».

Humberto Andrade Amaral

A Arte e a Moral

(Conclusão da 7.ª pág.ª)

um triunfo do Bem, que sempre acompanha as nossas acções, e triunfo que é, se não activo pelo menos sensitivo, se não oportuno pelo menos consequente, pois mesmo quando a alma não teve força para dominar as paixões, sente arrependimento e remorso.

Isto é que é representar a verdade, representar a alma, e assim, se o artista, ao dar forma a um acto moralmente condenável, souber atingir o fim último da arte — representar a alma com toda a sua complexidade — produzirá uma obra moral, pois não convida aliciantemente para o Mal, mas mostra as suas consequências.

A arte é comunicadora de sentimentos, e, embora o seu fim não seja moralizar, é pelos profundos efeitos que tem sobre nós, ainda que não intencionalmente, moralizadora.

Winckelman dizia que «em face do Apolo de Belvedère se sentia intimamente obrigado a tomar uma atitude nobre, para o contemplar dignamente».

Isto sim, é impressão estética, pois o Belo eleva-nos, conduz-nos necessàriamente para o Bem.

Muitos defendem representações artisticas imorais, alegando que é preciso conhecer o mal para o evitar. Assim pensaram os realistas, e as consequências foram bem diversas. E' que não souberam dar vida a toda a realidade convenientemente. Representaram o mal, como um objecto desligado da alma humana. Este mal perverte e não educa.

A arte é vida, é alma e, como vimos, se o artista, souber dar verdade à alma de modo a nós a descobrirmos, sofrendo no mal, ficamos dominados pela sua grandeza, e as consequências são moralizadoras.

Todos os tempos, todos os povos, todo o homem tem uma moral, um «conjunto de imperativos» que a consciência aceita para reger todos os seus actos e, portanto, o artista também tem uma Moral. Não pode o homem desdobrar-se numa personalidade de artista e noutra de homem com ou sem moral. Ele tem de ser simultâneamente, para não se guerrear e desdizer, um artista que vive numa moral.

Qualquer moral, mesmo que se não baseie em nenhuma religião, nos obriga a respeitar e não danificar o próximo, material e espiritualmente.

E não será facto que uma criação imoral, embora de artista, pode levar alguém à prática do mal, atendendo ao seu grande poder sobre a sensibilidade?

Disto não concluamos que a Arte deve ser apreciada através do seu valor moral. São campos diferentes com finalidades diversas, mas que se não podem opôr, tal como numa máquina cada peça com uma finalidade distinta tem de concorrer para um fim comum.

Também toda a actividade humana deve ter um fim comum—a Felicidade, que para os crentes é Deus.

Penso poder afirmar agora que tudo o que é imoral não atingiu o padrão do artistico, mas é «tentativa frustrada de imitação que grita aos povos, não pelo que tem de universal e eterno, mas pelo que pode ter de sedutor».

Toda a obra que, desprezando tantos motivos verdadeiramente belos, se volta para o que há de mesquinho e abjecto, não é, necessàriamente, obra de Arte.

E' que tudo o que é indigno e egoista está condenado a desaparecer.

Só o que sublima e eleva, incute respeito e nos aproxima do Bem, consegue vencer fronteiras e idades, impondo-se como algo de invulgar e superior.

Lídia Maria Goulart

7.º Ano

Desportos da M. P.

(Conclusão da 16.ª pág.ª)

30m — 1-1 Gil empata a partida com um remate sem possibilidade de defesa para J. Neves.

37m — 1-2 Remate rasteiro do lado direito, e golo de Honorato.

43m — 2-2 Golo de Dedi.

2.ª parte

26m — 3-2 Dedi apareceu isolado frente a Neves e atirou para onde quis.

42m — 4-2 Dedi imarcava de novo, encerrando o marcador.

NA HORTA

No Campo de Jogos do Faial Sport disputaram-se, no dia 16, dois jogos, um de Andebol e outro de Basquetebol, entre as selecções do Liceu da Horta e do Liceu de Angra.

Basquetebol

HORTA, 13—ANGRA, 22

Liceu da Horta — E. Rocha, T. Alberto (2), Mário Lourenço, M. Garcia (9), Jaime Neves (2), Renato e J. Germano.

Liceu de Angra — Dedi (11), Forjaz (5), David (2), Durval, Monteiro, Parreira (4), Marques e Feijão.

1.ª parte—4-10.

Jogo de fraco nivel técnico e também de resultado muito baixo.

Os terceirenses venceram naturalmente um jogo que poderia ter sido muito interessante, se os jogadores de ambos os lados não tivessem sido tão quezilentos e principalmente se alguns jogadores da equipa visitante não tivessem discutido as decisões do árbitro faialense sr. Jorge Terra.

Andebol

HORTA, 6—ANGRA, 10

Árbitro—Jorge Terra.

Liceu da Horta — Cabral (Renato), Quaresma, Germano, Rocha, Tomás (2), M. Garcia (3), Lourenço (1) e Neves.

Liceu de Angra — Feijão, Dedi (7), Forjaz, David, Durval, Monteiro (3), Parreira, Marques, Diocleciano e Adolfo Lima.

1.ª parte — 2-6.

Contra todas as previsões os faialenses foram copiosamente derrotados.

Os terceirenses aproveitaram-se bem da desorganização, que havia na equipa local e da exibição menos feliz do guarda-redes Cabral, que estava em noite *não*.

A desorganização da equipa faialense adveio do jogo mais duro dos colegas terceirenses, a que os locais quiseram responder, cometendo assim erros na maneira de jogar, pelo que a derrota foi inevitável.

20 Páginas

Com esta edição o «Arauto» completa o seu 5.º ano de publicação. Foram cinco anos de dificuldades, mas, com um pouco de boa vontade, todos os obstáculos foram transpostos e hoje regozijamo-nos de apresentar aos nossos estimados Leitores este número especial, comemorativo das nossas «Bodas de Prata»... numéricas.

JEPSA

Acaba de fundar-se nesta cidade uma tertúlia cultural destinada a todos os jovens estudantes que a ela queiram pertencer, desde que demonstrem interesse pelos assuntos apresentados nas reuniões ou por qualquer outra actividade da «JEPSA».

Dado o facto de a maior parte dos membros do novo organismo serem alunos do Liceu da Horta, o «Arauto» regozija-se ao dar a notícia desta iniciativa, fazendo votos para que os melhores frutos venham a ser colhidos de tão belo empreendimento.

DO NOSSO CENTRO

—Com extraordinária frequência, realizou-se este ano mais um curso de Chefes de Quina. Das aulas encarregaram-se os Comandantes de Castelo Ilidio la Cerda e Castro Goulart, que desempenharam condignamente a árdua tarefa de incutir nos filiados mais jovens os ideais da nossa Organização.

Prestadas as provas finais e de aproveitamento, foram aprovados os seguintes filiados, que brevemente serão promovidos em ordem de serviço da Delegação Distrital: Muito aptos—Victor Silveira, José Decq Mota, Manuel da Rosa. Aptos—Manuel Frias, Rui Pimentel, José Avelar Rosa, Carlos Manuel Simas, Carlos Ramos, Norberto Fraião, Serafim Araújo, Tomás Alberto Vieira, Diogo Fraga, Carlos Freitas Garcia, Fernando Machado, Herminio Freitas, José Câmara, Norberto Garcia e Manuel Martins.

São para eles as nossas melhores felicitações.

— Nas férias da Páscoa, realizou-se o nosso habitual acampamento. Este ano, dadas as grandes despesas resultantes da organização da visita de estudo à Terceira e S. Jorge, não foi possivel dar a esta actividade, tanto do agrado dos nossos rapazes, a extensão que seria de desejar. Assim, um grupo de cerca de 15 filiados e graduados do nosso Centro dirigiu-se na manhã do dia 19 de Abril para a freguesia da Ribeirinha, uma das mais aprazíveis do Faial, escolhida para cenário do acampamento.

Durante os curtos dias passados pelos nossos rapazes na Ribeirinha, realizaram-se actividades que fazem com que este acampamento possa ser apontado como modelo, apesar do pequeno número de participantes. Tudo correu pelo melhor, estando de parabéns os graduados dirigentes.

O nosso acampamento da Páscoa foi visitado por Dirigentes da M. P. e por outras pessoas.

Durante a permanência dos filiados da M. P. na Ribeirinha disputaram um desafio de Futebol com uma equipa local. O resultado foi um empate a 4 bolas.

— Disputou-se o Campeonato de Xadrez, este ano apenas em 1.ª categoria. Saiu vencedor o filiado António Manuel Silveira do 5.º Ano.

—No dia 30 de Abril encerraram-se as actividades da M. P. deste ano lectivo.

ÚLTIMA HORA

Rua de S. João, 21 — Nesta rua está a passar, frequentemente, um tipo gordo que, ao passar pelas ruas de S. Pedro e S. Paulo olha para cima. E' de facto estranho, até parece um fenómeno do Entroncamento, tanto olhar para cima... (corr.).

Nota da Redacção — O A. é uma vitima deste Número, pois já foi atingido duas vezes na última página. E' pena, mas não podemos fazer bem nenhum.

Confraternização estudantil

No Domingo, dia 15 de Abril, chegaram a esta cidade, vindos no N/M «Ponta Delgada» as excursões estudantis dos Liceus de Angra, Ponta Delgada e Pedro Nunes.

Às 2 horas da tarde houve concentração geral na Praça do Infante e aí organizou-se um passeio de camioneta até aos Capelinhos, passando pela Estrada da Caldeira, Largo Jaime Melo e Ribeira do Cabo.

A' noite, no «Amor da Pátria», a Junta Geral ofereceu aos visitantes um fino repasto, que decorreu muito animado. Usaram da palavra os srs. Drs. Manuel Madruga, Duque Vieira, Pato François e Fernando Aires, respectivamente em nome dos Alunos dos Liceus da Horta de Pedro Nunes, de Angra do Heroismo e de Ponta Delgada. Salientou-se o facto de estarem reunidos quatro Liceus do País, caso talvez inédito na história da vida estudantil portuguesa.

Seguiu-se uma sessão de bingo, com prémios constituidos por lembranças regionais.

No dia 16 de Abril, o «Ponta Delgada» partiu levando consigo os alunos do Liceu Normal de Pedro Nunes e do Liceu Nacional de Ponta Delgada. No cais a despedida foi calorosa. Na sua passagem pelas Lajes do Pico foi-lhes oferecido pela Junta Geral do nosso Distrito um passeio em volta da Ilha.

Os de Angra, que por cá ficaram mais uns dias, passaram a manhã a descansar.

A' tarde, o Centro da M. P. do nosso Liceu ofereceu-lhes um passeio à Caldeira, Estrada dos Matos da Junta e freguesias do Norte da Ilha, com paragem nos Cedros, onde um grupo visitou a Igreja da época manuelina, com características típicas.

A's 21 horas, no Ginásio do nosso Liceu, os terceirenses ofereceram ao público faialense um espectáculo cultural, ensaiado sob a competente orientação do artista açoriano Sr. Maduro Dias. A peça, de grande valor, agradou em cheio. As interpretações foram imensamente felizes, resultado de adequada orientação no ensaio.

As férias da Páscoa foram férteis em intercâmbio estudantil. Angra, Ponta Delgada, Lisboa e Horta encontraram-se na nossa cidade, mas esta reunião, que poderia ter contribuido grandemente para o estreitamento de laços de amizade que unem os estudantes portugueses, não foi mais que um encontro casual, ocorrido apenas por coincidência de meios de transporte.

Dizemos isto porque enquanto a «malta» de Angra confraternizou com a da Horta, o mesmo não se pode dizer em relação aos outros Liceus. Foi pena. O facto é devido naturalmente à pouca demora das outras excursões estudantis na nossa Ilha.

Mensagens de Visitantes

ao Reitor do Liceu da Horta

Telegrama de bordo

«Muito penhorado agradeço gentilezas dispensadas meus professores alunos inolvidáveis dias passados ilha Azul».

(Dr. Pato Francois, Reitor do Liceu de Angra)

Carta

«Além da festa e recepção, que ultrapassaram em muito tudo quanto encontrámos na excursão, houve ainda outros requintes de amabilidade que não podemos esquecer».

(Dr. Duque Vieira)

Carta

«Quero confessar-lhe que, em nenhuma outra terra dos Açores sentimos tão comovidamente a nostalgia da partida. Pude observar, nos olhos de alguns de nós, uma lágrima teimosa de gratidão e saudade, à medida que o «Ponta Delgada» se afastava do cais da afectuosa cidade da Horta.

O Faial não terá a beleza de São Miguel, mas teve o condão de nos tocar nas fibras mais sensiveis da nossa alma lusitana...»

(Rev.º Dr. Paulo Nunes)

Ofício

«Venho por este modo apresentar a V.ª Ex.ª os meus melhores agradecimentos pela forma gentil e acolhedora como receberam os professores e alunos deste estabelecimento de ensino que há pouco visitaram a ilha do Faial, onde passaram inesqueciveis e proveitosos dias de encanto e prazer».

(Dr. João Anglin, Reitor do Liceu de Ponta Delgada)

TIRAGEM DESTE NÚMERO: 700 EXEMPLARES

São assim os Estudantes

E O BILHETE?!

Estávamos no cais, momentos antes de embarcarmos para a Terceira, quando dois «meninos» do nosso Liceu, o G. e o I., descobriram que não conseguiam descobrir o bilhete de passagem. E agora? Olé! Agora é que são elas; mas, depois de darem meia volta ao *miolo* lá se lembraram: um tinha-o deixado em casa e o outro... esse tinha-o metido numa mala que estava no porão.

Tem graça, isto geralmente acontece quando o entusiasmo excessivo tira ao espirito a serenidade necessária para se pensar em pormenores.

Matar saudades

Sabem por que é que o S. foi à Terceira acompanhar a excursão pedagógica? Ora vejam lá: sòmente com o propósito de matar saudades da *miúda* que lá tem, nem que o engate de cá não fosse suficiente.

Doença

O J. R., na Terceira, sentiu-se mal do coração e foi preciso chamar o médico. Afinal não era nada. Nós supomos que a origem do mal do coração era outra... que o médico desconhecia.

Recordação do Acampamento

Os nossos agentes secretos fixaram um interessante pormenor do acampamento, que passamos a relatar aos nossos leitores.

Um dia apareceu, por acaso, uma pessoa em visita aos filiados acampados. O Ilídio, como mais indicado, devia receber essa pessoa. No entanto, encontrava-se sem a camisa da M. P. e mandou que um filiado lha trouxesse. Aconteceu depois, nada mais, nada menos que isto: o I. resolveu apresentar-se com a camisa, não no corpo, mas na mão. Seguindo a ideia dele, podem todos, em futuros passeios da M. P., levar as fardas usadas no 1.º ano... num cabide.

Regresso

O L., que já havia abandonado as actividades escolares, resolveu voltar ao nosso convivio, pela mão duma morena do 3.º ou 4.º ano. Achamos uma precipitação isso de abandonar um bom emprego para tornar a *queimar as pestanas*.

Ele lá sabe as linhas com que se cose!

CONVERSA COM OS FINALISTAS

(Conclusão da 20.ª pág.ª)

nasse grande repouso, para que pudesse refazer-me das canseiras do exame.

M. Alberto: Na Suiça.

7 - E' capaz de nos confiar as suas impressões àcerca da excursão à Terceira?

Teresinha: Trouxe as melhores impressões. Foi uma excursão belíssima, não só porque adquirimos novos conhecimentos através dos passeios e visitas de estudo que fizemos, mas também pela sã camaradagem, que reinou entre os estudantes das diferentes ilhas.

8 - Gosta de ler? Quais os seus autores preferidos?

Teresinha: Gosto muito. Vieira e Herculano.

M. Alberto: As minhas preferências estendem-se a vários, mas ainda não optei por nenhum.

9 - Acha que existe boa camaradagem no nosso meio académico?

Teresinha: Acho, embora faça votos para que ela se torne ainda mais sólida e extensiva.

M. Alberto: E' lamentável que deixe tanto a desejar.

10 - Qual o seu compositor preferido?

Teresinha: Beethoven.

M. Alberto: Vila Lobos.

11 - Gosta mais de Cinema ou de Teatro?

Teresinha: Teatro.

M. Alberto: Aprecio mais o Cinema, porque, quando bom, é mais completo em cenários.

12 - E' uma pessoa da sua época ou idealiza outra em que gostaria de viver?

Teresinha: Gosto da época em que vivo, pois se hei-de idealizar uma outra que não posso viver, acho mais lógico tornar esta de acordo com esse ideal sonhado.

M. Alberto: Julgo esta superior a todas as anteriores, e as futuras está nas nossas mãos prepará-las, o que basta para não a trocar por nenhuma outra.

13 - O que pensa deste Jornal?

Teresinha: Que é um meio de nos distrairmos e cultivarmos simultâneamente.

M. Alberto: E' o melhor meio de propaganda cultural da «Malta».

14 - Que mais quer dizer aos leitores do «Arauto»?

Teresinha: Que sou uma grande amiga do «Arauto» e que todos o devemos ler com gosto, para que a chama do nosso entusiasmo sirva de estímulo à continuidade.

M. Alberto: Aos leitores deste Jornal um muito obrigado pela paciência com que me leram... se me leram. E quero lembrar também a frase da praxe: «paguem o ARAUTO».

Uma entrevista do Indês

No seu último número, o *Index*, entre outras coisas, publicou uma entrevista com o setimanista João Álvaro.

Fomos lendo o ilustre jornal (com *j*) de parede (com *p*), sem deixarmos de fechar os olhos aos frequentes erros ortográficos. A certa altura da entrevista, cujas perguntas são cópia quase fiel das do «Banco dos Réus» do «Século Ilustrado», deparámos com esta:

«P. — Que tal achas o nosso jornal?

R. — Quanto a mim... e bate o «Arauto» aos palmos».

Achámos graça. Só o que gostariamos é que o J. A. nos explicasse o que significa *bater aos palmos*.

Cá por nós, entre várias interpretações que demos à resposta, surgiu-nos esta, talvez a que mais se aproxime da realidade: O *bater aos palmos* deve ser uma das gralhas. A maneira correcta seria talvez *bate às palmas*, querendo significar com isso que o «Index» bate palmas ao «Arauto», isto é, o «Index», convencido da sua inferioridade, aplaude o que no «Arauto» se escreve.

Será?!

Outra curiosidade da entrevista: não possui uma única virgula. Devem ter ficado no tinteiro, perdão, na fita da máquina de escrever.

IMPRESSÕES do Liceu de Angra na excursão à Horta

(Palavras dum aluno do 7.º ano-chefe da «Malta», em carta particular)

«Toda a malta veio satisfeita da Horta. Há até alguns que gostaram tanto (eles não dizem porquê, mas calcula-se) que pensam voltar lá nas férias grandes. Oxalá os Faialenses tenham gostado da nossa peça, pois foi a única maneira de lhes testemunhar o nosso sincero reconhecimento por tudo o que por nós fizeram.

Se gostaram, isso nos basta!»

Duarte Manuel Costa

Para os estudantes ficarem a saber

A primeira sugestão da abertura do Canal de Panamá surgiu na obra do herói português das Molucas, António Galvão, a que foi dado o título de «Tratado dos descobrimentos antigos e modernos».

São assim os Estudantes

S/C

CINE RAPIDEZ

Nas férias da Páscoa,
rápida apresentação da película supersónica

Quando o amor mete água

um filme deveras húmido e frio
com *neves* e *água*, muito valorizado
com a *inteligente* interpretação de

Jim Rodgers e Hall Dine Fountain

Nos complementos: Romance de uma semana
A iniciativa partiu dela

Agora e sempre... até acabar, no

TEATRO FAIAL-PICO

Estreia do filme

A Senhora Telegrafista

com actores já bem *estreados* no assunto,
mas que contracenam agora pela primeira vez

Sem (do)comentários

Secção capofónica da excursão

O titulo é muito fino demais, não acham leitores? E' mais popular dizer-se *grossuras, peruas*, etc, etc.

Na excursão à Terceira houve algumas, e de todas as espécies. Assim, por exemplo, temos a «perua» do Q....., que é inglesa. O Q. andou sempre entusiasmado e, de vez em quando, dizia «Twist or not twist», mas devia pensar «two beers or not two beers».

No entanto, não foi só este colega que tomou a *pianola*, mas alguns outros mais, a elas pouco habituados.

3 respostas célebres

no 1.º Ano-B

—Um cubo de gelo é um bocado de gelo no estado gasoso.

—Uma enseada é um terreno onde se cultiva trigo e arroz.

—Um pântano é uma porção de água chocada.

? ? ?

—Quem é o «Cérebro electrónico»?

—Quem é o novo rei do «Cinema aos copos»?

—Quem é que tentou deixar crescer a barba?

—Qual o valentão que conseguiu invadir os domínios da sogra?

—Porque é que o Av..... anda muito pela Rua de S. João?

—E qual o que tem duas sogras?

—Quem é o «menino da vila»?

—Qual o senhor que, na Terceira, também quis fazer a sua habilidade?

Desgosto

Afinal o C. N. sempre se decidiu: optou por um lugar mais vistoso e melhor para o estudo da *psicologia sentimental*.

O pior é que a sextanista sofreu um grande desgosto. Bem, nós dizemos isto porque fomos informados pela «Agência Mexeriqueira».

CONVERSA COM OS FINALISTAS

Ouvindo Teresinha Gonçalves e Manuel R. Alberto

1 - Há quantos anos frequenta o nosso Liceu?

Teresinha: Há quase dois anos.

M. Alberto: Há oito anos que frequento esta tão querida casa e, se a não abandonei ainda, foi porque desejo retardar a hora de me separar dela e dos colegas, que teimam em não me acompanhar.

2 - Qual o ano de que guarda mais gratas recordações?

Teresinha: Do que está quase a terminar.

M. Alberto: O celebérrimo 3.º Ano D.

3 - Pode dizer-nos que disciplina, ou disciplinas, prefere?

Teresinha: Filosofia e Latim.

M. Alberto: Ciências Naturais e Filosofia.

4 - O que pensa fazer depois de concluído o 7.º ano?

Teresinha: O exame está entre mim e o oitavo das técnicas.

M. Alberto: Não estou ainda apto a responder a essa pergunta.

5 - Fica penalizado com o facto de este ano sair do convívio da nossa «Malta»?

Teresinha: Pois concerteza. Foi sem dúvida uma das fases mais belas da minha vida e, por isso mesmo, recordá-la-ei como lenitivo nas horas de tristeza.

M. Alberto: Sim, porque, como disse há pouco, custa separar-me de uma «Malta» *fixe* como a nossa.

6 - Se lhe fosse possível escolher, qual o sítio onde mais gostaria de passar as próximas férias do Verão?

Teresinha: Escolheria aquele que me proporcio-

(Conclui na 19.ª pág.ª)

Quando se chega tarde

CENA I

Ricardo, Cama (c/ fantoche), Malta

Ricardo — Que fazes aí, maldito?! Sai-te se não apanhas uma *galheta* e das grandes.

Cama — Não está cá ninguém.

Malta — Oh Ricardo! Paciência, como tu vens.

Então Ricardo descobre que estava a ser enganado com uns pobres trapos e evade-se da sala.

CENA II

Ricardo, Contínua

Contínua — Vá lá deitar-se, se não eu telefono para o Reitor e... *(muito alto)* calem-se todos.

Ricardo *(em altas vozes)* — Está muito bem, mas eu quero dormir e nem acho colchões...

Passa-se a outra cena que esta já não interessa.

CENA III

Ricardo, Malta, Cama

Malta — Deita-te Ricardo!

Ricardo *(enfurecido)* — Eu vou roubar colchões *(arranjou alguns)*

Cama *(já c/ os colchões)* — Vem para cá, meu doido, já é tarde e vais levantar-te cedo.

Ricardo sossegou... ás 4 horas... da madrugada...